

Hegel e a ironia romântica: racionalidade, direito e saber¹

Jean Felipe de Assis*

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

Avaliam-se as posições de Hegel sobre a *Ironia Romântica* em passagens seletas de seu *corpus*, especificamente seus estudos sobre o poético nos *Cursos de Estética*. Diante da multiplicidade de considerações e interpretações dos movimentos românticos, as observações desse filósofo contribuem para uma avaliação das propostas científicas, históricas e políticas de um marcante período intelectual em solos germânicos. Em contrapartida às ideias de F. Schlegel e Novalis, Hegel enfatiza a utilização socrática do conceito de ironia, enquanto as tendências classificadas como românticas apontam antíteses impossíveis de serem superadas em promessas racionais irrealizáveis. Em um modo introdutório de discutir o problema do poético em um diálogo entre Hegel e os românticos, opta-se por estudar a crítica hegeliana à ironia consagrada nos textos de Friedrich Schlegel. Para Hegel, o desvelar do *Geist* e a busca por *auto-consciência* efetivam uma realização racional mediante transformações históricas e formas de constituição da intelectualidade e da vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Hegel. Ironia. Romantismo. F. Schlegel.

ABSTRACT

Hegel's positions on Romantic *Irony* are evaluated in selected passages of his corpus, specifically his studies on the poetic in *Aesthetics Courses*. Taking into account the multiplicity of considerations and interpretations of romantic movements, these philosophical inquiries contribute to an evaluation of the scientific, historical and political proposals during a remarkable intellectual period in Germanic territories. In contrast to the ideas of F. Schlegel and Novalis, Hegel emphasizes the Socratic use of the concept of irony, while trends classified as romantic exhibit antitheses that are impossible to be overcome through rational thinking. As an introductory way of discussing the *poetic* in a dialogue between Hegel and the romantics, this essay opts to study the Hegelian critique of irony present in Friedrich Schlegel's texts. For Hegel the unveiling of *Geist* and the search for *self-awareness* affords the possibility of a rational realization through historical transformations and forms that permeate intellectuality and social life.

KEYWORDS: Hegel. Irony. Romanticism. F. Schlegel.

Tarefa assaz heroica seria entender os desenvolvimentos intelectuais ocorridos nos estados germânicos ao longo do século XVIII e suas consequências imediatas nas variadas formas de entendimento reunidas no *Classicismo de Weimar*, nos movimentos associados ao *Sturm und Drang*²

1. Agradecimento à FAPERJ pelo incentivo ao desenvolvimento desse trabalho e o apoio financeiro durante o período de estudos, pesquisa e edição.

2. Tal nomenclatura foi popularizada por Schlegel que, para designar todo o movimento no início do século XIX, utilizou-se do título de um drama escrito por Friedrich Klinger, em 1776. Os dois termos tendem a formar um único conceito. Dessa forma, *Sturm und Drang*, designaria algo como *ímpeto tempestuoso*, tempestade de sentimentos, efervescência caótica de sentimentos e assim por diante. Para tanto, basta lembrar o título original do drama em questão, "*Wirrwarr*", confusão caótica (REALE e ANTISERI, 2005, pp. 3-13).

* jeanfelipe@hcte.ufrj.br

Recebido em 27/05/2020
Aprovado em 31/08/2020

e ao *Romantismo nascente em Jena*³. Todavia, mesmo diante da impossibilidade de construções históricas e intelectuais que nos permitam averiguar a multiplicidade de posições, projetos e realizações, a discussão de autores individuais permite-nos atentar para preocupações e considerações importantes a perpassar o período e a constituição intelectual de importantes correntes filosóficas. Não nos é facultada a opção de leituras restritas a pensadores específicos de nossas predileção ou preferência, visto que a tarefa filosófica contemporânea se vê obrigada a investigar atentamente as condições de produção dos debates e os desenvolvimentos históricos das múltiplas posições ao longo do tempo. Todavia, como uma proposta inicial, leituras críticas do *corpus hegeliano* possuem relevância para o estudo deste período em questão, sobretudo por esse famoso pensador reunir em si qualidades inigualáveis de análise e crítica, somadas a sua altíssima erudição e a seu vasto conhecimento. Desse modo, o estudo sobre o poético em Hegel, a partir de algumas observações reunidas nos *Cursos de Estética*, auxilia pensadores contemporâneos a entender melhor os movimentos destacados, mas também proporciona uma abordagem crítica ao *corpus hegeliano* e à enorme bibliografia produzida em decorrência de seu pensamento.

Discutir as múltiplas caracterizações e entendimentos dos movimentos românticos é uma proposta inicial, especialmente por encontrar respaldo no desenvolvimento teórico de Hegel. Expor os modos de entendimento do *poético*, em suas relações com as ciências, os saberes, a história e a política, permite-nos verificar semelhanças e distinções importantes entre alguns autores românticos e algumas propostas desse pensador. Desse modo, a partir da constatação do entendimento *plurívoco* de Romantismo, deve-se ponderar quais são as ideias em conflito e em que bases discutem os opositores. Tal constatação pode ser exemplificada pelas concepções românticas sobre a *Ironia*, seus respectivos usos nos modos de apreensão intelectual e nas concepções de mundo na oposição hegeliana às ideias de F. Schlegel e Novalis. Distingue Hegel o uso socrático de ironia, na exposição de um argumento da utilidade, a ele contemporânea, em que atesta uma gradual destruição das bases de sustentação da racionalidade. Desta forma, enquanto as tendências românticas apontam a antíteses impossíveis de serem superadas em promessas racionais irrealizáveis, nas quais somente a *Ironia* produziria um equilíbrio necessário⁴, em Hegel, o desvelar do *Geist* e a busca por *auto-consciência* efeti-

3. Notam-se as diferentes fases e os variados desenvolvimentos das ideias centrais iniciadas em Jena, em pensadores que ficaram conhecidos por *Jenaer Romantik*. Cada um desses pensadores merece estudos específicos, diante de suas enormes contribuições não apenas para as formas de idealismos alemães, as correntes românticas, mas os profundos impactos nas tradições ocidentais posteriores. Ao negar tanto uma degradação das premissas kantianas, quanto uma teleologia realizada no corpus hegeliano, as controvérsias e os debates enfrentados por esses pensadores alicerçaram variados debates e contribuições culturais (BEISER, 1987, pp. 26-43; BEISER, 2002, pp. 1-16). Assim, o “*Romântico*” e os “*românticos*” podem ser vistos em inúmeras expressões artísticas e intelectuais, mas a dita “*escola romântica*” possui seu início nas controvérsias dos irmãos Schlegel, reunidas no *Athenäum*, com suas contrapartidas, recepções e reconstruções dos pensamentos filosóficos de Fichte e de Schelling; com suas raízes nas propostas de Herder para um melhor entendimento da cultura e das vozes dos povos; e suas repercussões nas diversas escolas criadas em solos germânicos (SAFRANSKI, 2010, pp. 15-17).

4. Exercício de grande erudição seria investigar as nuances entre as formas de transcendentalismo decorrentes das Críticas kantianas ao longo dos autores Românticos em suas exposições particulares e também em suas obras estéticas. Todavia, a formação intelectual dos românticos de Jena possui grande interação com as obras de Fichte, atestado não apenas pelas obras, mas também pelas cartas de Hölderlin, Novalis e outros autores (BEHLER, 1993, pp. 1-71). As primeiras críticas às formas iluministas de compreensão da racionalidade são também estendidas por um ceticismo a abarcar as condições de compreensão do absoluto racional em circunstâncias não condicionadas pela sensibilidade (FRANK, 2004, pp. 1-98).

vam uma realização racional mediante transformações históricas e formas de constituição da intelectualidade e da vida social. Assim, como modo introdutório de discutir o problema do poético, em um diálogo entre Hegel e os românticos, opta-se por estudar a crítica hegeliana à ironia consagrada nos textos de Friedrich Schlegel.

Ademais, para exemplificar a relevância de uma pesquisa detalhada sobre as contrapartes presentes no desenvolvimento bibliográfico de Hegel, observe-se a tese de Scott Jonathan Cowan (2017), na qual esse estuda o desenvolvimento da *auto-consciência* na *Fenomenologia* hegeliana em uma tensão constante entre o “*Criticismo*” e o “*Romantismo*”, ao entender o “amor” um tema central de análise a partir das propostas de Fichte e do pensamento de Hölderlin. Averiguando o desenvolvimento intelectual do período, a corroborar a relevância de observarmos todas as faces dos debates existentes, o estudioso americano acredita mostrar as transformações ocorridas no pensamento hegeliano a partir das concepções sobre o “amor” até a auto-consciência devido a contínuos trabalhos intelectuais com seus contemporâneos (COWAN, 2017, p. 3). Sabida é a centralidade da relação *sujeito-objeto* ao longo dos debates que se sucederam às críticas kantianas. Em Hegel, o desejo por uma sistematização racional une-se à intuição como meios de integralização da vida social e da atividade intelectual (COWAN, 2017, pp. 13-15). Embora partilhe dos interesses de Fichte e de Hölderlin em algumas propostas, Hegel entende existir uma desconexão profunda na individualidade moderna, questionando tanto a possibilidade de uma apreensão racional puramente abstrata, mas também se opondo às tendências que proclamavam a impossibilidade discursiva da vida intelectual (COWAN, 2017, p. 25). Entre a crítica decorrente das interpretações das obras de Kant e das tendências românticas, Cowan expõe como a ideia de “amor” para Hegel excederia a possibilidade de conhecimento puro e, ao mesmo tempo não produziria, nos termos pensados entre essas duas posições antagônicas, a integralidade desejada no âmbito teórico e prático no tecido social (COWAN, 2017, p. 27). Para tanto, o filósofo alemão, no desenvolvimento de seu pensamento, expõe os caminhos da auto-consciência como meios para retratar a dinâmica orgânica e a capacidade de auto-reflexão das atividades humanas. Ao incorporar “*a espontaneidade de indivíduos autônomos*”, Hegel inicia suas discussões sobre os princípios dinâmicos do pensamento sem uma imediação e sem abstrações da racionalidade (COWAN, 2017, pp. 27-28). Desse modo, ao destacar o caminhar intelectual de Hegel entre “*Criticismo*” e “*Romantismo*”, observa-se como o entendimento sobre os movimentos acadêmicos e culturais do período são extremamente relevantes para o entendimento de ideias centrais destacadas ao longo do corpus Hegeliano, e.g., “Amor” e “auto-consciência”.

Apresentados estão, portanto, motivos significativos para uma investigação mais detalhada e mais profunda das bases culturais e intelectuais das premissas hegelianas em seu desenvolvimento intelectual particular. Para um exercício de intelecção, explorar-se-ão as caracterizações românticas da Ironia por Friedrich von Schlegel e a crítica hegeliana às premissas e, sobretudo, às consequências dessa posição. De fato, as variadas formas de apresentação das

ideias românticas no período, as quais não são facilmente catalogadas e descritas, perpassam a obra de Hegel. Todavia, há contraposições veementes e específicas ao longo de seu desenvolvimento intelectual que devem ser consideradas, possibilitando um melhor entendimento das obras desse filósofo, mas também dos movimentos culturais de seu tempo.

Diversas caracterizações sobre o romantismo entre diversas leituras hegelianas: a ironia romântica e a possibilidade da racionalidade

*Os Romantismos alemães*⁵, entendidos como movimentos de fortes características poéticas a possuir ideais nacionalistas e uma forte celebração da imaginação em seu estado maior de liberdade criativa, são bastante heterogêneos e devem ser entendidos em sua pluralidade⁶. Tome-se como paradigma de reflexão as tentativas de avaliar as repercussões românticas, nas quais averiguam-se ambiguidades sobre o entendimento do Romantismo na contemporaneidade e suas realizações históricas⁷. A pluralidade e as múltiplas possibilidades de interpretação⁸, portanto, mostram-nos como o entendimento desse movimento é complexo em todas

5. Analisando de um ponto de vista geral, os termos associados a romântico, Romantismo e seus derivados foram consideravelmente pesquisados no início do século XX, mostrando a alta complexidade envolvida, mas também a necessidade de situar precisamente o contexto histórico referido com a finalidade de uma determinação objetiva e precisa, ao menos o mais adequadamente possível. Como era esperado, o adjetivo romântico precedeu o substantivo Romantismo. Desde o início do século XVII algumas narrativas de aventuras supostamente possuíam similaridades de gênero e de estilo com alguns escritos medievais, tendo o termo romântico como equivalente a algo maravilhoso ou fantasioso. De um modo geral, afirma-se que foi inicialmente usado na Inglaterra em meados do século XVII para designar o fabuloso e o extravagante; gradualmente, o termo romantismo e seus associados passaram a indicar o renascer dos instintos e das emoções, os quais teriam sido sufocados pelo crescente racionalismo empírico. Os estudos feitos por Lovejoy questionam, por exemplo, a antiga convicção sustentada, sobretudo, por Schiller e Schlegel, na qual seria possível discernir claramente entre a poesia ingênua e a poesia sentimental, ou ainda entre a poesia clássica e a poesia romântica, respectivamente. Alguns filósofos opinam que seria melhor prescindir do uso dos termos relativos a romântico e romantismo, dada a complexidade e polissemia inerente aos mesmos (FERRATER MORA, 2004, pp. 3113-3117). Contudo, também asseveram o contínuo uso, sobretudo no que diz respeito ao período do idealismo alemão (1780-1830). De uma maneira geral, corre-se o risco de entender os movimentos literários, filosóficos, políticos e culturais deste período como românticos, sem a necessária discriminação dos termos, adjetivos, substantivos e conceitos.

6. Não apenas a origem e o desenvolvimento do Romantismo possuem múltiplos significados em diversos âmbitos intelectuais e históricos, mas também as decorrências associadas às perspectivas presentes ao longo do tempo possuem vasta diversidade e variada aplicabilidade (SAFRANSKI, 2010, pp. 315-356). Assim, as discussões sobre a subjetividade são mescladas a todo tempo com o desenvolvimento intelectual e social dos estados alemães em construção. Para tanto, música, linguagem, literatura, pintura e todas as variadas formas de expressão artística são abarcadas. Ainda que se queira reduzir tais tendências a características específicas no espaço e no tempo, as diferentes e, em muitos casos, conflitantes posições estão presentes ao longo de todo o processo de pensamento romântico (BOWIE, 2003, pp. 221-257). Evidentemente, meios de sistematização dessas multiplicidades devem ser avaliados a partir dos desejos retóricos e das finalidades desejadas por autores específicos.

7. As raízes do movimento são múltiplas e variadas. Lugar comum e sem muitos debates, os aspectos passionais e a valorização da criatividade em oposição a entendimentos iluministas e tecnicistas da razão, ora podem ser utilizados para a promoção do liberalismo, da tolerância e dos princípios de uma sociedade republicana; ora associam-se a construções – muitas vezes forçadas – para a constituição de visões autoritárias que redundariam em posições fascistas e nazistas (BERLIN, 2013, pp. 1-25).

8. A impossibilidade de pensar o Romantismo de maneira simplificadora e unívoca, ou seja, a constatação de que Romantismos possuem perspectivas sempre abertas a novas observações e interpretações corrobora grandes tendências desses movimentos desde o início. Nicolai Hartmann, por exemplo, afirma que as tentativas de definições precisas, as quais sempre obtêm pontos de partidas discutíveis, encontram grande dificuldade, pois, o Romantismo não possui um dogma, um princípio, um objetivo, um programa, ou algo que possa situar todos os seus afluentes em um sistema restrito a um número determinado de conceitos (HARTMANN, 1983, p.189). Nas palavras presentes no *Oxford Companion to Philosophy*, “É por isto que é passível dizer que as ideias em torno do Romantismo são indispensáveis e constrangedoras, pois não é possível definir seus termos essenciais em fórmulas básicas ou por termos precisos e bem demarcados” (HONDERICH, 1995, p.778).

as esferas, níveis e períodos – o que pode ser atestado pela inter-relação existente dos autores românticos e idealistas nas múltiplas áreas do saber ao longo do período⁹. No que tange à Filosofia, deve-se ter em mente as discussões pós-kantianas, sobretudo, das *três críticas*. Desta maneira, as buscas pelos fundamentos do conhecimento e suas realizações estéticas, éticas e históricas caminham *pari passu* com as grandes obras de relevo na constituição do corpus filosófico germânico no século XIX.

Dentre as características, comumente associadas aos desenvolvimentos românticos, destacam-se: *o concreto em detrimento do abstrato; a variedade em oposição à uniformidade; o infinito ao invés do finito; a natureza no lugar da cultura e da convenção; o orgânico é avesso ao mecânico; a liberdade antes do constrangimento das regras e suas limitações*¹⁰. Verifica-se, também, prevalência do particular ao universal¹¹. Faz-se evidente a importância de uma avaliação cuidadosa das ideias românticas presentes no desenvolvimento intelectual do período, podendo se destacar as repercussões no pensamento filosófico. Ao se investigar os pensamentos centrais do romantismo alemão avaliados por Hegel, deve-se atentar para o período de formação das ideias desse pensador alemão, sobretudo a efervescência política e cultural a promover uma base sólida de investigação filosófica¹². Decorrentes das recepções múltiplas do Iluminismo Francês, os diversos entendimentos epistemológicos, e.g., a relação entre razão, sentidos e sentimentos, são avaliados em um ambiente intelectual a perpassar as formas culturais e políticas do agir humano, manifestando vitais interesses nas produções estéticas, nos estudos históricos e nas formas religiosas no tecido social. Do ponto de vista da história do pensamento filosófico, as exposições, desenvolvimentos e críticas às ideias de Kant permitiram o florescimento de variadas teorias e ambições de sistematização intelectual.

9. As teorias literárias Românticas, a princípio, embora possuam grande reputação e se propaguem em várias camadas da vida intelectual ocidental, podem ser reduzidas a um curto período de tempo e a poucos autores de grande representação. Ainda que esses autores sejam facilmente situados, a variedade de propostas e a dificuldade de sistematizar suas principais ideias são manifestas. As críticas reflexivas e auto-reflexivas de Fichte, as decorrências do transcendentalismo kantiano, as relações entre Natureza e Espírito em Schelling e as relações diretas e controversas com as propostas do classicismo de Weimar são alguns exemplos das relações românticas na vida intelectual ao final do século XVIII (BEHLER, 1993, pp. ix-x; 2-7).

10. Tais características estão diretamente vinculadas às críticas ao Iluminismo e às suas concepções sobre a Modernidade e o desenvolvimento do pensamento; exigem, portanto, argumentações sobre novas condições e possibilidades de desenvolvimento do pensamento humano. Articulando saberes científicos, sociais, artísticos e literários, as preocupações românticas tomam como premissa as mudanças tecnológicas e científicas, mas também a possibilidade de um saber orgânico com características “humanísticas” acentuadas; a presença do novo, da liberdade criativa e da espontaneidade não elimina, mas potencializa entendimentos sobre a natureza no cotidiano e nas experiências vivenciadas (KOMPRIDIS, 2006, pp. 1-17; REALE e ANTISERI, 2005, pp. 3-46; HARTMANN, 1983, pp.189-284; LACOUÉ-LABARTHE e NANCY, 1988, pp. 121-128).

11. Evidentemente que tais posições não podem ser absolutizadas, pois não encontrariam corroboração textual ou histórica. A predileção pelos sentimentos não exclui os modos racionais de entendimento e tampouco as individualidades sublimam o coletivo. Todavia, tais prevalências não podem ser olvidadas na posição romântica, sobretudo nas relações existentes entre poesia e filosofia, as quais tendem a possuir papéis sociais, proféticos e educacionais (SCHLEGEL, 2003a, p.253).

12. O entusiasmo iniciado pela revolução francesa é uma característica comum a nutrir os ideais de liberdade em alguns autores românticos e também se faz presente em alguns textos de Hegel. As revoluções políticas no exterior materializam as transformações intelectuais desejadas em solos germânicos (SAFRANSKI, 2010, pp. 31-46). Tome-se como exemplo o pensamento de F. Schlegel, que reúne em si uma síntese intelectual por meio de seleções parciais das grandes reflexões sobre o período, afirmando que as grandes tendências seriam: Revolução Francesa, *Wissenschaftslehre* de Fichte e *Wilhelm Meister* de Goethe (INWOOD, 1992, p. 20).

Um retorno aos ideais clássicos é atestado em solos germânicos, especialmente nas edições, traduções e transformações dos autores antigos, medievais e modernos. Abordagens que se assemelham ao Humanismo Renascentista italiano, nas quais a pesquisa material das documentações históricas se complementam pela efetiva articulação na vida social¹³. Os primeiros escritores românticos destacam-se, portanto, ao mesclar em suas obras uma miríade de concepções intelectuais, enaltecendo investigações de filosofia da natureza, mas também posições que enfatizem a necessidade de uma *episteme* a correlacionar subjetividade e objetividade.

Nos Cursos de Estética, Hegel apresenta sua famosa divisão dos períodos artísticos em *clássico, simbólico e romântico*. Evidencia-se o sentido plural do termo romântico nesta divisão¹⁴. Todavia, entre polissemias, ambivalências e ambiguidades possíveis, torna-se cabível avaliar as concepções sobre o movimento romântico incipiente e seus desdobramentos, especialmente quando o leitor pondera a respeito de análises particulares de algumas obras destacadas pelo filósofo ao longo de sua argumentação. De fato, as manifestações românticas não conseguem expressar a unidade orgânica do ideal pensado para o período clássico grego, entre outros motivos, pela incapacidade de abarcar a complexidade da subjetividade moderna. Do mesmo modo que Schelling, Hegel também expõe que a arte grega não foi igualada ou superada nos tempos modernos. Há, assim, uma concepção clara, em Hegel e Schelling, de que a Arte não se refere a um único indivíduo e a sua experiência particular, mas é manifestação de uma sociedade. Entretanto, Schelling acredita ser possível a criação de uma moderna mitologia e de uma unidade espiritual que permitisse a manifestação ideal atribuída às obras gregas antigas. Por outro lado, tal ideal não poderia mais ser alcançado pelas sociedades modernas segundo Hegel, pois o humano está inserido em contextos histórico-sociais de profunda alienação e desencanto¹⁵. Dessa maneira, evidenciam-se como essas propostas possuem importância vital na recepção das ideias críticas e românticas por Hegel, conforme as interações entre *Innerlichkeit* e *Äusserlichkeit* atestam. As interfaces entre as formas da vida material e seu cultivar na

13. Interesses que não se resumem a características estéticas, tampouco a constituições de identidade nacional, mas tentativas de revitalizar formas específicas de Republicanismos para atender interesses específicos (INWOOD, 1992, p. 25). Ao romper com modelos estipulados por formas de verossimilhança realista em contraposição à liberdade criativa, alguns pensadores românticos enfatizam um retorno ao pensamento originário e, portanto, aos elementos helênicos (BEHLER, 1993, p.3).

14. Conforme se verifica ao longo da leitura das obras de Hegel, especialmente nos *Cursos de Estética*, o período romântico pode ser entendido iniciado nos primeiros momentos do Medievo até o presente histórico do filósofo, ou ainda, pode ser representado pela crítica de alguns escritores alemães ao classicismo de Weimar, iniciado por Goethe e Schiller, dentre os quais F. von Schlegel, A.W. von Schlegel, Novalis, Tieck e Solger (INWOOD, 1992, p. 146). Deve-se avaliar cautelosa e minuciosamente a posição hegeliana sobre Goethe, sobretudo pela possibilidade desse famoso poeta e intelectual combinar características clássicas e românticas.

15. A finalidade da Arte, ou o fim da Arte, é tema caro e bastante debatido nas recepções da obra hegeliana. A Arte, para Hegel, não possui mais a sua função de “revelar o maior dos sentidos do mundo e da vida” como acontecia entre os antigos, mas, no percurso da auto-consciência do Espírito, essa possibilita a reflexão e não apenas sustenta a intuição (GONÇALVES, 2004, pp. 46-56). Assim, pode-se afirmar que há outros significados, prevalências ou relevâncias na obra de Arte, mas também que ela gradualmente tornou-se sem funcionalidade ao perder todos os seus vestígios de importância social. Ora, a autonomia da Arte implica, portanto, a perda de sua finalidade primária associada a características sociais mediadas (MARKUS, 1996, pp. 7-26).

intimidade espiritual do humano são relevantes para o desvelar do *Geist* em busca do saber absoluto¹⁶, em contrapartida à ironia romântica, a qual, de maneira iconoclasta, salienta a incapacidade da racionalidade humana.

Romantismo e ironia: possibilidades do saber absoluto em Hegel perante as incapacidades da razão

Análises comparativas posteriores entre algumas propostas associadas aos movimentos românticos e suas recepções *no corpus hegeliano* seriam de vital importância. Observem-se os modos pelos quais vários autores românticos utilizaram-se de uma concepção particular de ironia e como essa posição foi avaliada por Hegel. De fato, o interesse pela ironia é manifesto em variados textos do *corpus hegeliano*¹⁷, recebendo atenção especial em sua crítica direcionada ao programa romântico de Friedrich von Schlegel. Apesar da grande variedade de entendimentos e aplicações da ironia entre os românticos, evidenciam-se propostas de associação às tendências aporéticas de Sócrates, conforme descrito nos diálogos platônicos¹⁸, a intenções de realçar conflitos irreconciliáveis, apontados em grande medida pelas ideias românticas iniciais¹⁹. Contudo, Hegel pondera que as propostas filosóficas e os usos da *ironia* pelos românticos diferem do que se encontra registrado e é associado a Sócrates: a ironia socrática visa à *maieutica*, sendo uma atitude em direção aos interlocutores; a perspectiva romântica, criticada por Hegel, direciona-se aos valores e às ideias, ambicionando apenas a destruição das bases de sustentação para a efetividade da *Eticidade* e para a possibilidade do saber absoluto. Nas palavras de Novalis, a ironia defendida por F. von Schlegel seria uma consequência da realização espiritual que se apresenta sempre de maneira estranha ou de forma rarefeita²⁰. Assume-se, portanto, a condição paradoxal da ironia ao pensá-la não apenas como um artifício retórico ou como um instrumento para o raciocínio metodológico, mas condição para o

16. Destaca-se a grande tradição mística dos modos de interação que remetem o pesquisador à antiguidade. A mística Agostiniana, Medieval e Luterana fornece força aos processos espirituais da conscientização humana (INWOOD, 1992, p. 142).

17. De fato, o interesse é visto nas seguintes obras consideradas abaixo: Fenomenologia do Espírito, VII.B.c; Filosofia do Direito §140; Enciclopédia das Ciências Filosóficas. III §571; Cursos de Estética III. Nesses textos variados, as críticas de Hegel são apresentadas direcionando-se primordialmente ao pensamento de Friedrich von Schlegel, mas também para outros autores que seguem a mesma linha de pensamento, e.g., Novalis e Solger.

18. Manifesta-se, assim, a relevância de contínuas pesquisas sobre o pensamento antigo e suas re-contextualizações aos interesses particulares em solo germânico. Tais considerações são imprescindíveis, pois salientam um panorama maior para a crescente investigação às tradições antigas e aos modos de percepção do histórico (INWOOD, 1992, pp. 20, 42).

19. Nesses estão as irreconciliações entre o absoluto e o relativo nas tentativas de comunicação e nas lutas pelas liberdades humanas em meio às necessidades da lei. Na união entre “*savior vivre*” e o “espírito científico”, a ironia permite flutuar entre crença e descrença, em constantes paródias sobre as ações humanas (SCHLEGEL, 2003b, pp. 243-244).

20. Até mesmo ao considerar as diversas facetas que uma ideia possa apresentar, a impossibilidade de uma apreensão definitiva e racional de uma realização espiritual conduz o pensador a constantes estados de humor consigo mesmo em sua tarefa (NOVALIS, 2003, p. 208).

fazer filosófico, alcançado também pela poesia²¹. Assim, ao combinar *auto-criação* e *auto-destruição*, os instintos, assemelhando a reflexão humana às brincadeiras infantis, tornam-se as marcas para a expressão da Natureza (SCHLEGEL, 2003a, p. 247)²². Há uma diferença ontológica impossível de ser superada, “*uma antítese absoluta*”, entre a beleza e a produção artística (SCHLEGEL, 2003a, p. 254). Essa inadequação traz em si a marca da ironia na condição humana e restaura o equilíbrio entre as paixões, os sentidos e a racionalidade. Por um lado, a ironia enfatiza a atestação humana da impossibilidade de um total entendimento físico e transcendental da realidade. Ao assumir que as concepções sobre o mundo não podem ser *completas e racionalmente* consistentes, tendências românticas enfatizam as contradições e as características paradoxais do pensamento²³. Dessa maneira, para F. von Schlegel, a ironia perpassa todas as formas condicionadas, pertencendo, inclusive, às formas de inteligência e apreensão das virtudes²⁴. Na existência de posições antagônicas e irreconciliáveis, acredita-se ser possível buscar uma combinação de opostos mediante constantes contradições sem, contudo, decidir-se por nenhuma consideração que esteja em conflito (SCHLEGEL, 2003a, p. 257). As críticas às formas iluministas de racionalidade e, portanto, associadas a formas de entendimento mecânico e naturalista, são mais bem expostas pelos constantes usos das imagens vinculadas ao *sonho*, visto que a concepção de realidade e, sobretudo, as possibilidades de entendimento racional da mesma não estariam submetidas aos experimentos científicos e às mediações dos sentidos. Nas palavras de Novalis: “*Estamos perto de acordar quando sonhamos que sonhamos*” (NOVALIS, 2003, p. 205).

Nos *Cursos de Estética*, Hegel trata diretamente da *Ironia* romântica de Friedrich von Schlegel, contextualizando as premissas defendidas por esse no âmbito intelectual das especulações filosóficas de Schiller, Winckelmann e Schelling. Alerta Hegel, já de início, que F. von Schlegel se situa “*na vizinhança*” das atividades filosóficas e, por não adentrar nesses saberes, possui uma indeterminação em seu pensamento, nunca produzindo o adequado: ora o excessivo, ora o insuficiente (HEGEL, 2001, p. 80). Ao mesmo tempo em que destaca o conhecimento das artes e da literatura de outros povos, modernos e antigos, como algo a ser valorizado nos trabalhos de Schlegel, Hegel questiona a “*dignidade universal*” dada a algumas manifestações, as quais não poderiam possuir tal relevo (HEGEL, 2001, p. 81). Assim, pensa Hegel que a ironia sob escrutínio encontraria suas bases de sustentação na Filosofia de Fichte aplicada à Arte.

21. Não restringir os argumentos retóricos que se utilizam de ironia, mas tomá-los como condição para o pensar, faz com que aqueles que investigam sejam vistos como bufões a perceberem as condições paradoxais da arte, da virtude e da filosofia (SCHLEGEL, 2003b, p. 241).

22. Passagem significativa, sobretudo ao serem consideradas as intenções de uma racionalidade a conduzir o pensamento humano a uma fase adulta de reflexão. Mesmo na ausência de “*cálculos*” e “*planos*”, ou ainda das intenções de autores particulares, algo é dito a partir da Natureza nas composições poéticas.

23. “*recognition that the world is essentially paradoxical and that only an ambivalent attitude can grasp its contradictory totality*” (SCHLEGEL, 2003c, p. 264).

24. Poesia e filosofia coexistem na sátira pela diferença absoluta existente entre o real e o ideal, nas quais a verdade, a beleza e a moralidade se sustentam em uma apreciação entre o fazer e o pensar. (SCHLEGEL, 2003a, p. 252-253).

Conforme supra averiguado, o indivíduo afirma-se como base de construção e destruição do saber para Schlegel. Para Hegel, ao contrário de Schelling, que busca uma superação dos impasses presentes nas discussões da Filosofia Crítica, Schlegel possui uma apropriação particular destas ideias, sem fundamentação e consequências adequadas, pois, para Hegel, a ironia proposta por Schlegel é a “*vaidade*”, a vacuidade de todas as coisas concretas, objetivas e plenas de conteúdo, tais como a *eticidade*. Essa forma de entendimento do eu, impossibilitado de uma plena convicção, faz com que tudo se torne nulo e fútil. Ademais, amplia o valor da subjetividade, ao mesmo tempo em que a prende no inevitável vivenciar de paradoxos. Hegel faz o diagnóstico desse narcisismo doentio ao constatar a falta de força para romper com essa nulidade e para preencher a vida de um conteúdo substancial (HEGEL, 2001, pp. 81-83).

Ao mostrar a relação da auto-consciência com a efetividade imediata por meio de uma racionalidade ativa, a *Fenomenologia* hegeliana percorre os meios pelos quais o *Geist* desvela-se na efetividade da *eticidade* nas ações humanas, no mundo ético e no Estado de Direito. Entende, portanto, que o “*espírito verdadeiro, o espírito alienado de si mesmo e o espírito certo de si mesmo*”, constituem, em conjunto, o espírito em sua consciência (HEGEL, 2003, p. 459). Em um percurso a mostrar a manifestação do Espírito nas singulares formas da Arte, da Religião, do Direito e da Filosofia, a ironia romântica subtrai a possibilidade de uma subjetividade plena e opõe-se diretamente ao *Saber Absoluto* de uma auto-consciência na totalidade de seus momentos de reconhecimento na História²⁵. Na *Enciclopédia*, Hegel atesta que “*a verdade é o objeto da Filosofia*” e, portanto, a “*subjetividade infinita*” é a ironia a aniquilar todo saber, tornando-o vão (HEGEL, 2005, §571). A ironia, entendida como reino da subjetividade particular, distancia-se grandemente da atividade filosófica, visto que essa deseja a unidade da Arte, da Religião e da Eticidade, mediante a auto-consciência do Espírito (HEGEL, 2005, §572-573).

Hegel, ao pensar a *eticidade* como “*o conceito da liberdade que se tornou mundo presente e natureza da auto-consciência*”, articula a forma finita, a substância concreta e a racionalidade do ético na constatação da objetividade da liberdade (HEGEL, 2010, § 142-145). A auto-consciência, em seu agir efetivo concreto, não pode alicerçar-se nos discursos que negam a possibilidade do verdadeiro e, portanto, de qualquer objetividade ética (HEGEL, 2010, §157-159). A ironia romântica torna o conhecimento em “*vaidade vazia*” por ser uma mera aparência de saber em face à completa ignorância. Há uma degradação, pois visões particulares de subjetividades individuais são tomadas como verdades e efetivadas na ação, não mais existindo parâmetros para reflexão, pois convicções individuais superam a autoridade e a objetividade da *eticidade* efetiva, essas que são promovidas pela liberdade (HEGEL, 2010, §161). Nesse contexto, a ironia é “*a forma suprema*” da subjetividade enunciada “*de maneira perfeita*”

25. De fato, do mesmo modo que os comentadores das *Críticas*, Hegel e os Românticos estão a discutir a possibilidade de conhecimento a partir de um *Eu* que fornece significado ao que se apresenta aos sentidos, à intuição e à subjetividade individual (HEGEL, 2003, pp. 530-534). Todavia, o saber sensível é o primeiro passo de um caminhar do objeto para a consciência de Si. O espírito, “*certo de si mesmo*”, deve reunir a cisão e a reconciliação do *Eu* com o objeto de conhecimento. Nesse sentido, há uma diferença radical entre as concepções hegelianas do saber absoluto e a ironia romântica de Schlegel.

(HEGEL, 2010, § 162). Da mesma maneira que a veemente crítica a F. von Schlegel nos *Cursos de Estética*, em sua *Filosofia do Direito*, Hegel enfatiza a enorme distância entre as propostas de Schlegel e o pensamento filosófico tradicional. Reafirma que essa compreensão do termo ironia não corresponde ao tratamento filosófico platônico, atestando que o uso do termo pelo filósofo antigo era para a promoção da ideia de “verdade e de justiça”. Distingue, portanto, a utilização retórica da ironia da “subjetividade na substancialidade da ideia”. No contexto dialético platônico, a ironia visava à verdade e à obtenção da consciência para a ação; no romantismo de Schlegel, a ironia atualiza uma “inefetividade” por tornar toda a efetividade da *eticidade* em mera vaidade por antíteses e indecisões (HEGEL, 2010, § 162-163). Em nota na sessão §140 da *Filosofia do Direito*, Hegel defende a passagem da Moralidade em suas particularidades e em suas abstrações para a efetiva objetividade da *Eticidade*, mostrando como o entendimento da “ironia trágica” nos textos de Solger e Schlegel torna toda a busca pela auto-consciência ética para a liberdade em uma tentativa vã; utiliza-se, portanto, uma outra proposta de ironia, distinta da consagrada nos textos platônicos.

Referências

- BEHLER, Ernst. *German romantic literary theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- BEISER, Frederick. *German idealism: the struggle against subjectivism: 1781-1801*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- BEISER, Frederick. *The fate of reason: german philosophy from Kant to Fichte*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- BERLIN, Isaiah. *The roots of romanticism*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- BOWIE, Andrew. *Aesthetics and subjectivity: from Kant to Nietzsche*. Manchester: Manchester University Press, 2003.
- COWAN, Scott Jonathan. *Hegel between criticism And romanticism: love & self-consciousness in the phenomenology*. Master Thesis in Philosophy at University of Wisconsin-Milwaukee. 2017.
- FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofia Q-Z*. Barcelona: Ariel, 2004.
- FRANK, Manfred. *The philosophical foundations of early german romanticism*. Albany: SUNY Press, 2004.
- GONÇALVES, Márcia. A morte e a vida da arte. *Kriterion*, v. 45, p.46-56, 2004.
- HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1983.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEGEL, G.W.F. *Filosofia do direito*. São Paulo: Loyola, 2010.
- HEGEL, G.W.F. *Cursos de estética. Volume I*. São Paulo: Edusp, 2001.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopedia de las ciencias filosóficas*. Madrid: Alianza Universidad, 2005.

HONDERICH, Ted. *The Oxford companion to philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

INWOOD, M. J. *A Hegel dictionary*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

KOMPRIDIS, Nikolas. *Philosophical romanticism*. London: Routledge, 2006.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. *The literary absolute: the theory of literature in german romanticism*. Albany: SUNY Press, 1988.

MARKUS, Gyorgy. Hegel and the End of Art. *Literature and aesthetics*, v.6, p.7-26, 1996.

NOVALIS. Miscellaneous Remarks. In: BERNSTEIN M. (Org.). *Classic and romantic german aesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 203-214.

REALE, G. e ANTISERI, D. *História da filosofia vol 5: Do romantismo ao empiriocriticismo*. São Paulo: Paulus, 2005.

RIBEIRO, Nuno. Fernando Pessoa leitor de Novalis e o problema da heteronímia. *Scripta*, v.16, n.31, p.53-70, 2012.

SAFRANSKI, Rüdinger. *Romantismo: uma questão alemã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHLEGEL, Friedrich. Athenaeum fragments. In: BERNSTEIN M. (Org.). *Classic and romantic german aesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a, p. 246-260.

SCHLEGEL, Friedrich. Critical Fragments. In: BERNSTEIN M. (Org.). *Classic and romantic german aesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b, p. 239-245.

SCHLEGEL, Friedrich. Ideas. In: BERNSTEIN M. (Org.). *Classic and romantic german aesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003c, 261-268.